

O elemento fantástico como metáfora política em **Ensaio sobre a cegueira**, de José Saramago e **O último voo do flamingo**, de Mia Couto.

Autores

Ligiane Cristina Segredo

1. Introdução

Os livros **Ensaio sobre a cegueira**, de José Saramago e **O último voo do flamingo**, de Mia Couto são romances modernos que apresentam uma narrativa fragmentada, exatamente porque o mundo moderno tem essa característica. Assim, essas duas obras literárias evidenciam a descrença absoluta quanto ao melhoramento da humanidade, afinal, o homem é um ser extremamente complexo, que não tendo em que se pautar, caminha em direção ao caos absoluto.

Comparando **Ensaio sobre a cegueira** com **O último voo do flamingo**, pode-se perceber que há pontos comuns entre a obra pertencente à literatura portuguesa e a africana, uma vez que tanto Saramago quanto Mia Couto utilizam elementos da literatura fantástica como metáfora política, ou melhor dizendo, há uma crítica política feita através de elementos do fantástico, afinal, ambos trabalham com o real a partir de uma idéia imaginária a fim de criticar profundamente a sociedade.

Sendo assim, é importante comparar essas duas obras para reconhecer como o elemento fantástico aparece na obra portuguesa e na moçambicana com objetivo político. Além disso, torna-se relevante esse trabalho à medida que se contrapõem duas obras pertencentes a literaturas distintas, a portuguesa e a africana, que, no entanto, se aproximam, exatamente porque Mia Couto, em seu romance, traz a expressão da fala portuguesa em Moçambique, já que há trinta anos atrás eram colônia de Portugal, evidenciando assim que o país assumiu a língua do colonizador.

2. Objetivos

O presente trabalho tem por objetivo comparar o elemento fantástico presente nas duas obras citadas acima, reconhecendo a intensa crítica política.

3. Desenvolvimento

Em **Ensaio sobre a cegueira** o elemento fantástico é colocado como uma grande metáfora política, uma vez que a cegueira branca permite que se faça críticas a sociedade, ao governo, ao capitalismo, ao próprio humanismo, a igreja, etc. No que se refere às críticas feitas a partir do elemento fantástico, pode-se destacar a princípio a crítica ao Governo, ao Ministério da Saúde e ao Exército.

Quanto ao governo, se faz necessário afirmar que esse foi extremamente criticado por Saramago por meio

da idéia de reclusão, exatamente porque não conseguiu lidar com a epidemia de cegueira e criou o isolamento dos cegos, internando-os no manicômio a fim de evitar a perturbação da ordem, visto que essa situação fugiu-lhe do controle.

“O governo está perfeitamente consciente das suas responsabilidades e espera que aqueles a quem esta mensagem se dirige assumam também, como cumpridores cidadãos que devem de ser, as responsabilidades que lhes competem, pensando que o isolamento que agora se encontram representará, acima de quaisquer outras considerações pessoais, um acto de solidariedade para com o resto da comunidade nacional.” (p. 50)

O autor acentua essa crítica à medida que coloca várias vezes no livro as recomendações que o Governo fez aos cegos no período de quarentena, afirmando que são necessárias para o bem estar de todos. Ao colocar com ironia essas recomendações aos cegos, Saramago leva o leitor a enxergar efetivamente que o Governo é autoritário e até mesmo no manicômio, perante uma situação dolorosa, angustiante, ele usa seu poder, impondo regras a serem cumpridas.

“(...) abandonar o edifício sem autorização significará morte imediata (...) trata-se de uma recomendação, não de uma ordem (...) os internados serão responsáveis por todas as conseqüências negativas (...) o Governo e a Nação esperam que cada um cumpra o seu dever” (p. 50-51)

O Ministério da Saúde também recebeu críticas fortíssimas, por ter isolado os cegos, colocando-os em quarentena, com falta de higiene, má alimentação, enfim, levou muitos deles à morte devido às condições precárias a que os submeteram. Certamente, há um paradoxo, pois se Ministério da Saúde é quem zela pela saúde de todos, não poderia ter levado muitos cegos à morte. Só os isolaram visando o bem estar de uma parte da população, a não contaminada, maltratando os já contaminados, visto que os colocaram em situações piores do que se os deixassem presos em suas próprias casas.

“(...) pôr de quarentena todas aquelas pessoas, segundo a antiga prática, herdada dos tempos da cólera e febre-amarela, quando os barcos contaminados ou só suspeitos de infecção tinham de permanecer ao largo durante quarenta dias, até ver (...) queria dizer que tanto poderão ser quarenta dias como quarenta semanas, ou quarenta meses, ou quarenta anos, o que é preciso é que não saiam de lá.” (p.45)

O Exército também não escapou à críticas, visto que atiraram em muitos cegos que tentavam ao menos pedir-lhe notícias da comida que tardava, dos materiais de limpeza que estavam ausentes, entre outros. Esses defensores da segurança nacional atiravam quando um cego parecia ultrapassar o espaço à eles destinado, sem antes saber do que se tratava. Um exemplo está na página 80, em que o cego ladrão, por estar ferido, ao pedir socorro aos soldados, acaba sendo morto.

“Muito devagar , no intervalo entre dois ferros verticais, como um fantasma, começou a aparecer uma cara branca. A cara de um cego. O medo fez gelar o sangue do soldado, e foi o medo que o fez apontar a arma e disparar uma rajada à queima-roupa” (p. 80)

Saramago faz ainda uma crítica às relações humanas, denunciando a perversão do homem, mostrando assim a realidade moderna como desumana, já que até mesmo quando estão cegos e presos em um manicômio não são solidários, reproduzindo lá dentro toda podridão da sociedade. Essa afirmação pode ser comprovada quando se recorre ao fato dos cegos malvados terem uma arma de fogo e usá-la para manter o

poder, chegando até mesmo a fazer com que os outros cegos paguem pela comida que o Governo manda, primeiro com dinheiro, jóias e outros pertences, e depois com a prostituição das mulheres.

“ (...) os cegos malvados mandaram recado de que queriam mulheres. Assim, simplesmente, Tragam-nos mulheres. (...) Se não nos trouxerem mulheres, não comem.(...) Torciam-se de risos, davam patadas, batiam com os grossos paus no chão, um deles preveniu subitamente, Eh, se alguma de vocês está com sangue, não a queremos, ficará para a próxima vez” (p. 165, 173)

Quando ele critica as relações humanas está mostrando as facetas da sociedade e conseqüentemente a própria condição humana perante essa. É perceptível, através da cegueira branca, a qual leva as pessoas à perda da razão, que o homem nada mais é que um animal faminto, sendo totalmente guiado pelo instinto. Saramago, quando reduz o homem ao nível animal, leva o leitor a pensar o ser humano com desconfiança e inquietação.

No livro **Ensaio sobre a cegueira** o que se destaca é exatamente a irracionalidade como conseqüência da perda da visão, ou melhor dizendo, a cegueira leva as pessoas a não agirem com racionalidade, podendo ser perfeitamente comparadas a animais, já que foram reduzidas ao grau zero de civilização. Por isso os cegos se encontram em estado de barbárie.

“(...) uns quantos cegos a avançarem de gatas, de cara rente ao chão como suínos, um braço adiante rasoirando o ar (...)” (p.105)

No que se refere ao livro **O último voo do flamingo**, escrito por Mia Couto, editado em São Paulo, em 2005, por Companhia das Letras, pode-se destacar como temática fantástica o fato dos soldados das Nações Unidas (ONU) explodirem sozinhos, restando somente seus órgãos genitais. *“Seis soldados das Nações Unidas tinham-se eclipsado, não deixando nenhum traço senão um rio de delirantes boatos.”* (cap. 2: A missão de inquérito, p.30).

Essa temática fantástica é colocada como uma metáfora política, ou seja, o autor africano usa o fantasioso como elemento crítico para a situação que a África está colocada, uma vez que há muitas minas e falar que os soldados explodem sozinhos é denunciar essa situação delicada.

Desta forma, há uma crítica extremamente contundente ao Governo e a ONU, no que se refere à situação que a África está colocada. Quanto à crítica direcionada ao Governo, se faz necessário afirmar que esse foi criticado a partir da figura do administrador Estêvão Jonas, que era um guerrilheiro revolucionário que lutava ao lado do povo contra a colonização, a favor da independência do país, porém quando obteve o poder em suas mãos só agiu em benefício próprio, esquecendo do povo. Desse modo, os partidos de esquerda são extremamente criticados pelo moçambicano.

“Já eu tenho minhas propriedades, meus negócios estão espreitando por aí. Já encetei com esses sul-africanos que apareceram aqui, entreguei uns terrenos, tudo tu-cá-dá-lá. Mas isso não é para ser comentado, a gente exhibe riqueza e logo despona a inveja.” (cap. A ventoinha fállica, p. 96)

Essa crítica feita ao Governo está atrelada à situação que a África se encontra, uma vez que enquanto muitos morrem de fome ou até mesmo porque pisam em minas, outros, uma pequena minoria, gastam dinheiro com propriedades, jóias, como é o caso da primeira dama da vila de Tizangara que vive coberta de ouro.

“E saiu com portes de rainha, no limiar da porta sacudiu as madeixas , fazendo tilintar os ouros, multiplicados em vistosos colares no vasto colo” (cap. 1: Um sexo avultado e avulso, p. 20)

Certamente o Governo é criticado pelo abuso de poder, pela corrupção, enfim, pela sujeira disseminada por “baixo dos panos”. Mia Couto em **O último voo do flamingo** permite que o leitor vivencie um pouco da vida daqueles que mandam sem governar, e enriquecem sem trabalhar.

“Estes poderosos de Tizangara têm medo de suas próprias pequenidades. Estão cercados, em seu desejo de serem ricos. Porque o povo não lhes perdoa o facto de eles não repartirem riquezas (...) enriquece, sim, mas nunca sozinho. São perseguidos pelos pobres de dentro, desrespeitados pelos ricos de fora.” (cap. 17: O passarinho na boca do crocodilo, p. 179)

A Organização das Nações Unidas (ONU) também recebeu fortes críticas, exatamente porque tentam melhorar a situação da África e, no entanto seus projetos surtem efeitos paradoxais, pois o que realmente deve ser feito, visando o melhoramento da nação, não é efetivamente concretizado. O país continua com alto índice de miséria, as minas existem em enorme quantidade e muitas pessoas morrem por isso, enfim, o objetivo da ONU não equivale às necessidades reais do país. O autor acentua essa crítica por meio da fala da prostituta, a qual se dirige a Risi, representante da ONU, afirmando que nunca se preocuparam efetivamente com a situação da África.

“Morreram milhares de moçambicanos, nunca vos vimos cá. Agora desaparecem cinco estrangeiros e já é o fim do mundo?” (cap. 2: A missão de inquérito, p. 32)

Além dessas críticas já mencionadas pode-se perceber em **O último voo do flamingo** a crítica feita às relações humanas, e conseqüentemente a condição humana, crítica essa presente também na obra de Saramago. Mia Couto faz com que o leitor veja quem realmente é o ser humano quando o narrador conta que as minas retiradas durante o projeto de desminagem eram todas semeadas pelo próprio administrador da vila, o qual queria unicamente lucrar com esse projeto, uma vez que muito dinheiro estava envolvido.

Esse fato permite que se pense o ser humano com desconfiança, exatamente porque é capaz das piores atitudes, ficando isento de razão. Estêvão Jonas quando semeia as minas mostra-se totalmente irracional, pois não pensa, não vê que elas, as minas, levam muitas pessoas a morte. Assim, as relações humanas são as mais complexas possíveis, visto que os seres humanos não passam de animais, os quais agem guiados pelo instinto, sendo portanto capazes de qualquer coisa, até mesmo das piores barbáries.

“Tu é que mandas colocar as minas! Tu é que matas os nossos irmãos (...) parte das minas que se retiravam regressava, depois, ao mesmo chão (...) o dinheiro desviado desses projectos era uma fonte de receita que os senhores locais não podiam dispensar.” (cap. 19: As revelações, p. 194 e 196)

Outro trecho que comprova a animalização enquanto essência do ser humano é quando a prostituta, Ana Deusqueira, diz a Risi que seria mais fácil se o homem não tivesse se humanizado, ou seja, não tivesse aprendido a se comportar como humano.

“ (...) porque nos ensinaram essa merda de sermos humanos? Seria melhor sermos bicho, tudo instinto. Podermos violar, morder, matar. Sem culpa, sem juízo, sem perdão. A desgraça é esta: só uns poucos aprenderam a lição da

humanidade.” (cap. 17: O passarinho na boca do crocodilo, p. 178)

Por fim, as duas obras inserem elementos fantásticos a fim de criticar profundamente a vida política e social.

4. Resultados

Observando o elemento fantástico como metáfora política nas duas obras citadas acima, pode-se perceber que em **Ensaio sobre a cegueira** há do princípio ao fim uma visão pessimista, não sendo cabível em momento algum o otimismo, afinal, para o homem moderno não há saída, não há esperança. Diante disso, o leitor reflete criticamente sobre a natureza humana, sendo, pois, um livro essencialmente filosófico, reflexivo e político no sentido literal da palavra. Mia Couto em **O último voo do flamingo**, assim como Saramago, retrata a falta de esperança, a ausência de possibilidade de mudança.

Vale lembrar que nas duas obras intensas críticas são feitas através do elemento fantástico, denunciando assim a situação da sociedade da época.

5. Considerações Finais

As duas obras comparadas acima partem do elemento fantástico com objetivo político, não usando simplesmente a fantasia pela fantasia, mas sim a fim de trabalhar no sentido metafórico, tendo um cunho extremamente político. Portanto, os dois autores em suas respectivas obras estão praticamente com críticas parecidas, afinal, ambos utilizam a temática fantástica para explorar situações reais, fazendo intensas críticas.

Referências Bibliográficas

BERRINI, B. **José Saramago: uma homenagem**. São Paulo: Educ, 1999.

COUTO, M. **O último voo do flamingo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

DIDEROT. Carta sobre os cegos: para uso dos que vêem. In: GUIMSBURG. J. P. **Diderot: obras I: filosofia e política**. São Paulo: Perspectiva, 2002.

SARAMAGO, J. **Ensaio sobre a cegueira**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

TODOROV, T. **Introdução à literatura fantástica**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1975.